



## O JUSTICEIRO E A REPRESENTAÇÃO DA GUERRA DO VIETNÃ NA HISTÓRIA EM QUADRINHOS “NASCIDO PARA MATAR”

Thiago Soares Arcanjo<sup>7</sup>  
Thuanny de Azevedo Bedinote<sup>8</sup>

### O personagem, “Nascido para Matar”, de Garth Ennis

A História em Quadrinhos que será utilizada nesse estudo para os apontamentos e considerações sobre a Guerra do Vietnã é *Born*, ou *Nascido para matar*, de Garth Ennis. Escrita em 2003, a edição aqui utilizada é da Marvel Deluxe de 2018. O autor é de origem irlandesa, nasceu em 1970 e ficou conhecido pelas HQs de temas densos, críticos e violentos. Garth escreveu também para DC Comics e para Marvel; nessa última, um dos quadrinhos que mais se destacou foi o do Justiceiro (*Punisher*).<sup>9</sup>

A edição de *Nascido para matar* foi publicada no Brasil pela editora Panini, no selo Marvel Max. Essa história se passa durante a Guerra do Vietnã, mais precisamente no final de outubro dos anos de 1971. A história narrada é a de Frank Castle – um veterano de guerra e capitão do exército estadunidense da base de artilharia Valley Forge – e de outros personagens. É válido apontar que a história é contada por um jovem soldado, Steve Goodwin, que espera pelo final de sua jornada no Vietnã. Nessa HQ, vemos, por meio dos olhos desse soldado, até onde o Frank Castle pode ir na sua missão de “defender” seus soldados e travar uma “guerra justa”.

Na HQ, Ennis apresenta dois lados da personalidade de Frank Castle. Ao longo da história o personagem é reconhecido como um capitão de extrema competência para guiar seu grupo de soldados na missão e mantê-los seguros. Mas a personalidade do personagem é esmiuçada a cada quadro, Goodwin que narra os acontecimentos, começa mostrar apreensão conforme o tempo passa, pois ele percebe que a dinâmica e as ações do Capitão Castle, começam a pesar em relação à segurança do grupo de soldados. Com isso Goodwin, passa a entender que seu superior está obstinado a terminar uma missão que já se mostra suicida.

A intenção de usar esse material escrito por Ennis para problematizar a Guerra do Vietnã e as suas consequências dentro e fora das fronteiras estadunidenses, deu-se por compreender que “as histórias em quadrinhos de super-heróis, particularmente nos EUA, sempre apareceram como representação do imaginário americano, independentemente do período retratado.” (GUERRA, 2013, p. 105).

<sup>7</sup> Mestre em *História* pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2018). Graduado em *História* Bacharelado pela Universidade La Salle (2016) e em *História* Licenciatura pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2014).

<sup>8</sup> Mestra em *História* pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2018). Graduada no curso de Bacharelado em *História* e graduação em *História* Licenciatura, pela Universidade La Salle (2014).

<sup>9</sup> Complementa os autores: “a obra mais destacada que realizou para a Marvel foi a impressionante revitalização que ofereceu para o anti-herói o Justiceiro, sua passagem pela série desse personagem durou de 1999 a 2008, além de escrever especiais e minisséries para o mesmo [...]” (GOIDA; KLEINERT, 2011, p.150)



Dessa feita, será utilizada a HQ escrita por Ennis como material fonte para ilustrar os acontecimentos da guerra aqui analisada. Aliado a essa ação, será realizada uma breve introdução sobre o cenário dos conflitos que já ocorriam no Vietnã desde o século XIX até chegar na Guerra do Vietnã, no breve século XX.

### **Um breve contexto histórico do Vietnã**

Para compreender a Guerra do Vietnã (1965- 1975), torna-se necessário entender o contexto histórico e político que culminou no surgimento de um país socialista localizado no sudoeste asiático. Ademais, a problematização desse conflito deve focar não apenas nas consequências (internas/externas) que a guerra gerou na sociedade estadunidense, como também na mudança que representou na imagem dos Estados Unidos da América (EUA).

Como ponto de partida desse estudo, deve-se observar que o Vietnã, antes do conflito com os EUA, fazia parte do grande território anteriormente conhecido como Indochina. Essa área, rica em matéria prima, foi ocupada pelos franceses neocolonialistas em 1885 e pelos japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, em 1941, sendo que, em 1945, os franceses buscam a retomada de suas antigas colônias.

Aqui é pontual considerar que os movimentos políticos que Washington exercia no Vietnã já eram ensaiados desde 1955; todavia, a partir da expulsão dos franceses da antiga Indochina, o governo estadunidense assegurava o poder de Ngo Dinh Diem ao sul e garantiam na região que seus interesses comerciais, econômicos e militares estivessem seguros. Diem, como novo regente do Vietnã do Sul, “[...]. deu início, ou melhor, continuidade a perseguição de todos que faziam oposição ao seu governo, principalmente, apoiadores do *Viet Minh*, e a FNL (Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul) que era integrada por vários grupos políticos e sociais.” (PEDROSO, 2015, p.07).

Por meio de Diem, os Estados Unidos arquitetam os primeiros movimentos do conflito. Segundo Ferreira (2012), no intuito de sustentar o governo do Vietnã do Sul, os estadunidenses utilizaram o naufrágio de navios dos EUA no Golfo de Tonquim (fato esse desmentido pelo jornal *New York Times*) como justificativa para intervir militarmente de forma pública em território além de suas fronteiras.

Desse modo, é iniciado, em 1965, a operação de bombardeamento intitulada de *Rolling Thunder*. Tal ação do governo estadunidense foi vista com entusiasmo pela opinião pública da época, sendo que, para os estadunidenses, a intervenção militar em terras vietnamitas tratava-se de uma luta em prol da liberdade e da garantia que, em solo asiático, não seria formado outro governo de matriz socialista.

Os “vietcongues”, que desde o final do século XIX lutavam contra invasores estrangeiros, em 1968, empreenderam uma grande ofensiva em três fases, tal tática ficou conhecida como “Ofensiva do Tet”. O maior êxito dessa ação militar dos grupos anticapitalistas foi em demonstrar que as afirmações de Lyndon Johnson de que a Guerra do Vietnã seria curta e com poucos custos humanos e financeiros estava equivocada.

Nesse cenário, mais precisamente nos anos de 1965 até 1968, torna-se visível o desequilíbrio das forças beligerantes que atuavam no sudoeste asiático. Do lado vietnamita,



os combatentes utilizavam as táticas de guerrilha, aproveitando ao máximo seu território nativo, como também reaproveitavam material bélico de outras guerras contra os novos invasores.<sup>10</sup>

Dessa feita utilizaremos nesse segmento do artigo uma análise da obra já citada, *Nascido para Matar*, onde é visto o uso de armas até então não utilizadas em conflitos bélicos em larga escala. A primeira delas – e pode-se dizer, uma das mais utilizadas ao longo do conflito do Vietnã – foi o uso do Napalm.

Outro instrumento de uso militar, que embora não é visto na obra escrita por Ennis, é o herbicida conhecido como “agente laranja”. Esse produto químico, desenvolvido a partir de pesquisas com agrotóxicos, possuía como principal função o desfolhamento da floresta, e com isso desabrigar os combatentes vietnamitas de suas posições.

No entanto, o maior legado do Vietnã não foram os altos custos financeiros durante os 10 anos de intervenção estadunidense, e sim os gastos aproximadamente de 150 milhões de dólares. O legado desse conflito ficou incutido nos horrores da guerra perpetrados e naturalizados em verdadeiros massacres ao longo do território em guerra.

O exemplo máximo de tamanha violência foi o infame massacre de My Lai. Esse evento foi documentado pela própria imprensa do exército estadunidense como uma operação “bem sucedida”, onde 129 soldados vietnamitas foram “neutralizados”. Todavia, aproximadamente 20 meses depois desse fato, por meio de relatos de veteranos e repórteres de guerra, uma nova faceta da operação veio à tona nos principais meios de comunicação da época.<sup>11</sup>

As reportagens foram estarrecedoras: demonstravam jovens soldados que, no imaginário estadunidense, deveriam salvaguardar o modo de vida americano, a democracia e a liberdade; deveriam principalmente travar uma “guerra justa”. No entanto, o que apresentavam eram relatos de tortura, massacres, estupros e outros tantos horrores nos quais desestabilizaram o ímpeto estadunidense de continuar com a guerra no Vietnã.

Com o conhecimento de tais atos de terror cometidos pelos soldados estadunidenses, o cenário político, antes favorável à Guerra do Vietnã, começa a sofrer fortes alterações. Os acontecimentos fora das fronteiras dos EUA repercutiram internamente de forma que diversos grupos sociais (como a comunidade afrodescendente, LGBT, entre outras) começaram a reivindicar, além de seus direitos, o fim da Guerra do Vietnã. (PEDROSO, 2015).

Somando as vozes indignadas de certos segmentos sociais estadunidenses, alguns artistas dedicaram-se a compor músicas que representassem suas insatisfações com as contradições entre os discursos oficiais que noticiavam uma guerra em prol da derrota de inimigos ameaçadores com o relato de ex-combatentes egressos da batalha com casos de forte vício em drogas, traumas profundos e mutilações severas.

---

<sup>10</sup> “De um lado, os Estados Unidos com a tecnologia de ponta e recursos financeiros abundantes, de outro, o Vietnã, utilizando até então técnicas rudimentares, a partir de ações de guerrilha, e com recursos financeiros limitados.” (FERREIRA, 2012 p. 268)



Com a insatisfação sendo vista nos jornais, tocadas nas rádios e ouvidas nos protestos das ruas, o governo de Washington acaba por decidir deixar o conflito do Vietnã para os próprios vietnamitas. Desse modo, em 30 de abril de 1975, os exércitos dos EUA deixam o campo de batalha e a capital do Sul (Saigon) é tomada pelos norte-vietnamitas.

**Palavras-chave:** Histórias em Quadrinhos; Justiceiro; Guerra do Vietnã; Violência;

#### **Referências:**

ENNIS, Garth. **Justiceiro**: No Princípio. Barueri-SP: Panini Books, 2018.

FERREIRA, M. T. S. O conceito de território usado aplicado à Guerra do Vietnã: técnicas hegemônicas e contra-hegemônicas nas geoestratégias de guerra. **Revista de Geopolítica**, 2012.

GOIDANICH, Hirton C. **Enciclopédia dos quadrinhos**. Porto Alegre: LP&M, 2011.

GUERRA, Fábio Vieira. Guerra, contestação e quadrinhos: o conflito do Vietnã por meio das *War stories*. **Revista Cantareira**, v. 17, p. 105-122, 2013.

PEDROSO, Rodrigo A. Araujo . A Guerra do Vietnã e suas representações nas histórias em quadrinhos do Capitão América (1965 - 1970). **Revista Contemporânea**, v. 2, p. 1-28, 2015.

SOUZA, Diego Oliveira. A Guerra do Vietnã no cinema norte-americano: Possibilidades de Ensino de História a partir de “Fomos Heróis” de Randall Wallace. **Revista do LHIESTE - Revista do Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS**, v. 2, p. 16-32, 2015.